

Erguei-vos e não tenhais medo!”



© Renaud Perrin

MATEUS 17, 1-9 . Génesis 12, 1-4a . Salmo 32 (33) . 2Timóteo 1, 8b-10

¹Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e o seu irmão João, e fê-los subir, a sós, a um alto monte.

²Transfigurou-se então diante deles: o seu rosto ficou brilhante como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. ³E eis que lhes apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele.

⁴Em resposta, Pedro disse a Jesus: «Senhor, que bom é nós estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias». ⁵Estando Ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu de sombra, e eis que da nuvem uma voz disse: «Este é o meu Filho amado, no qual me comprazo: escutai-o!».

⁶Ao ouvir isto, os discípulos caíram de rosto por terra e ficaram cheios de medo.

⁷Mas Jesus aproximou-se e, tocando-lhes, disse: «Erguei-vos e não tenhais medo!».

⁸Ao levantarem os olhos, não viram ninguém, apenas

Jesus sozinho. ⁹E, enquanto eles desciam do monte, Jesus ordenou-lhes, dizendo: «Não faleis a ninguém desta visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos».



SUGESTÃO PARA
O TERCEIRO MOMENTO:
ORATIO | ORAÇÃO

Nós te damos graças, Pai Santo, porque nos chamaste à Terra Prometida do teu Reino e nos mandaste caminhar até te encontrarmos.

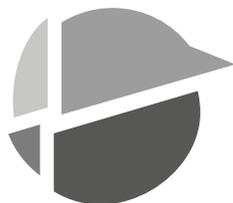
Enviaste-nos o teu Filho amado que, depois de anunciar a sua morte aos discípulos, lhes mostrou, no monte santo, o esplendor da sua glória para dar testemunho, de acordo com a lei e os profetas, que a Paixão é o caminho da Ressurreição.

Desperta, Senhor, a nossa fé, adormecida por tantas palavras vazias.

Faz com que, decididamente, nos ponhamos a caminho, como Jesus ao descer do monte, para que cheguemos renovados e livres às festas da Páscoa.

LABORATORIO

DA FÉ



ANO A

QUA
RES
MA

SEGUNDO
DOMINGO

● 1. LECTIO | LEITURA

O QUE DIZ O TEXTO?

Depois de ler uma e outra vez o texto, em voz alta e em silêncio, sublinho as palavras que me chamam a atenção, aquelas que são de mais difícil compreensão e ir dialogando, devagarinho, com o texto, procurando fazer perguntas e encontrar as respostas no texto.

ALGUMAS PERGUNTAS PARA SUSCITAR

O DIÁLOGO COM O TEXTO E A PARTIR DELE

Qual o contexto? A cena da Transfiguração situa-se depois do primeiro anúncio da Paixão e das condições para seguir Jesus («renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me»: Mateus 16,24).

Qual é o género literário? Trata-se de uma “teofania” (uma revelação de Deus). Há vários elementos que nos fazem dar conta de que estamos diante de um género literário muito próprio, cheio de símbolos: um alto monte, o estar a sós, a cor branca e brilhante das vestes, a presença «em glória» do grande profeta (Elias) e do grande legislador (Moisés); a nuvem e a voz que confirma Jesus como o Filho amado do Pai. Numa palavra: o relato está tecido de ecos da teofania do Sinai, tomados de diversos lugares do relato de Ex 24: a montanha alta, os seus dias, as três pessoas escolhidas como testemunhas, a voz, o temor... A nuvem e a sombra, apontam para o cenário das grandes revelações; a nuvem é o sinal da presença do próprio Deus. A nuvem sobre a tenda da grande revelação indica, por certo, a presença de Deus.

Quando é que acontece? «Seis dias depois» do primeiro anúncio da Paixão e das condições do discipulado.

Que faz Jesus? Jesus sobe ao monte. Já sabemos, do Antigo Testamento, do valor simbólico do monte como lugar de revelação, como lugar de particular proximidade a Deus: o monte das tentações (Mt 4,8), no monte da sua grande pregação (Mt 5,1), no monte da agonia (Mt 26,30), no monte da Cruz (Mt 27,32), no monte da Ascensão e do envio em missão (Mt 28,16). O monte é lugar de subida, de ascese interior: a subida implica libertar-se do peso da vida quotidiana, respirar o ar puro da criação. No monte os três discípulos veem resplandecer a glória de Deus.

O que acontece a Jesus? “O seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17,2). O branco é a cor divina. E a luz é o seu vestido, conforme o dizer do Salmista «estás revestido de esplendor e majestade; estás envolto num manto de luz» (Sl 104,2). Evoca-se aqui a experiência de Moisés (cf. Ex 34,29) que, quando saía da tenda, tinha o rosto resplandecente, iluminado pela glória de Deus. Mas, enquanto para Moisés esta luz vinha de fora, em Jesus esta luz resplandece a partir do Seu interior. Jesus não só recebe a luz, Ele mesmo é a luz. Na literatura apocalíptica a extrema brancura da veste é atributo celestial (cf. Dn 7,9). O Apocalipse fala dos eleitos revestidos de túnicas brancas (cf. Ap 7,9.13; 19,14).

Quem são os personagens? a) Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago. Eles testemunham a cena

grandiosa da Transfiguração como dispunha a Lei antiga: duas ou três testemunhas (cf. Dt 17,6), os quais são igualmente confirmados para a sua missão futura (após a Ressurreição com a dádiva do Espírito) de dar testemunho d’Ele. Estes mesmos três estarão com Jesus na agonia, no Monte das Oliveiras (cf. Mt 26,37).

b) Jesus fala com Moisés e Elias. A referência aos dois, que aparecem «em glória», prepara o acolhimento de Jesus como Palavra definitiva do Pai. É para Jesus que aponta o Antigo Testamento. Representam a Lei e os Profetas, todo o Antigo Testamento e acenam para Jesus, que deverá agora ser o «escutado». Moisés e Elias são as testemunhas da Antiga Aliança.

Como reagem os discípulos? Num misto de escuta e de temor, de medo e de alegria, até ao desejo de ali permanecer. É uma reação de sentimentos confusos, mas que denota a experiência real de quem segue Jesus, entre a ilusão e o desejo de O seguir.

Que diz Pedro? Pedro, sempre ele, em nome dos discípulos de então e de sempre, tenta impedir Jesus de prosseguir a sua missão filial batismal até à Cruz: «Senhor, bom é estarmos aqui ... Levantarei aqui três tendas» (Mt 17,4). Aqui significa deter-se no provisório, no preliminar e no penúltimo, e recusar caminhar para o definitivo e o último. Contudo, é preciso retomar o caminho sem medo, descer do monte para a vida comum e seguir viagem com Jesus até Jerusalém, até à Páscoa da Cruz, da Morte e da Ressurreição.

Porquê três tendas? As tendas apontam para a Festa das Tendas, das Cabanas ou dos Tabernáculos, que recordava a peregrinação, pelo deserto, onde os judeus tinham vivido em tendas (Lv 23,43), na expectativa da tenda eterna. Durante sete dias, os judeus viviam em tendas, recordando a experiência do deserto e o dom da Lei no Sinai. Era a última e a mais importante festa das colheitas ou vindimas (na lua cheia de setembro-outubro), em torno dos frutos da eira e do lagar; nesta festa também se recolhia a água das primeiras chuvas e se derramava essa água pedindo um tempo favorável, com a abundância da chuva.

Qual é a revelação e de onde procede? A voz divina do Pai dirige-se às testemunhas da cena e não ao próprio Jesus, contrariamente ao que acontece na cena do Batismo. O texto acrescenta algo mais ao «Filho muito amado»; diz: “escutai-O”, recolhendo assim a frase do livro do Deuteronomio sobre o profeta definitivo, semelhante a Moisés: “O Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, de entre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deves escutar” (Dt 18,15). Torna-se evidente a afinidade com a subida de Moisés ao Sinai, pano de fundo da história da Transfiguração. No monte, Moisés tinha recebido a Torah, a Palavra com o ensinamento de Deus. Agora, é-nos dito: «escutai-O». Jesus tornou-se a própria palavra divina da revelação. Jesus é a própria Torah viva, a Palavra inteira de Deus. Os discípulos devem voltar a descer com Jesus e aprender sempre de novo: «escutai-O». É o próprio Pai que, tal como no Batismo, O declara Filho seu, o seu Eleito.

Que acontece a Jesus depois de se ouvir a voz do Pai? Jesus fica sozinho, fica «isolado»; só sobre Ele é que a luz «deste cenário» incide. Ele é a Palavra definitiva do Pai. Moisés e Elias ficam em contraluz.

Que acontece aos discípulos depois de se ouvir a voz do Pai? Os discípulos ficam assustados, caindo com o rosto por terra, num sinal de reconhecimento da presença divina. Jesus ordenou-lhes: «Não faleis a ninguém desta visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos». Teriam de passar pela Páscoa para poderem falar do assunto.

● 2. MEDITATIO | MEDITAÇÃO

O QUE ME DIZ O SENHOR, NESTE TEXTO?

Permitir que as pessoas partilhem os aspetos que mais lhes tocam o coração e a vida. Agora, trata-se de o relacionar com a própria vida.

[1] Com que relaciono o texto? Que acontecimentos de Cruz e de Luz há na minha vida? [2] Que sinto ou experimento ao ler este texto? Paz? Desassossego? Necessidade de uma experiência forte de encontro com Cristo? Fascínio pela beleza que salva? Desejo de subir até às alturas? Medo de descer à realidade nua e crua da vida? [3] Preciso de descansar para ficar sem «olheiras» e ficar de rosto luminoso? Sinto que Jesus me leva a um “alto monte” para estar a sós com Ele? [4] O que significa para mim hoje, o episódio da Transfiguração? Tenho experimentado na minha vida que Jesus Se transfigura, ou seja, que me dá a conhecer o Seu poder e a Sua glória como Deus e Senhor? Em que situações? [5] Tenho “boa memória” das experiências de “transfiguração” na minha vida ou ponho mais acento nas experiências de tristeza e desolação? [6] Percebo que a transfiguração, na minha vida, pode dar-se através de uma forte experiência de encontro com Jesus? [7] Onde me situo nesta cena? No topo do encontro com Deus? No vale da desolação e do sofrimento? Na subida do monte ao encontro com o Senhor? [8] Tenho a tentação de Pedro, ao querer ficar no “topo da experiência mística” da transfiguração e ao evitar descer desta experiência à realidade da vida quotidiana? [9] Procuo levar a experiência da oração para a minha vida quotidiana? [10] Deixo que a “voz” do Pai me confirme uma e mil vezes que Jesus é o Seu Filho amado e predileto? [11] Escuto e obedeço ao Filho amado e predileto do Pai? [12] Sinto que também sou também filho/a amado/a do Pai?

● 3. ORATIO | ORAÇÃO

QUE DIGO AO SENHOR,

QUE ME FALA NESTE TEXTO?

O MAIS IMPORTANTE É QUE O SILÊNCIO E A PALAVRA BROTEM ESPONTANEAMENTE COMO RESPOSTA DE AMOR A DEUS QUE NOS FALA. ALGUMAS SUGESTÕES PARA A ORAÇÃO:

[1] Podemos fazer uma oração espontânea.
[2] Podemos colocar uma música de fundo e ficar em silêncio. [3] Em silêncio, pela palavra, pelo canto, pelo

gesto, que digo eu ao Senhor? [4] Que palavras, canto, silêncio ou gesto me provoca a Palavra escutada? [5] Podemos propor uma oração em comum.

● 4. CONTEMPLATIO | CONTEMPLAÇÃO COMO ME VEJO NO OLHAR DE DEUS?

Talvez a contemplação aconteça fora do tempo da oração comum, quando os participantes regressam a casa ou percorrem os seus caminhos, deixando que esta Palavra os ajude a viver, a sentir, a saborear e a discernir a vontade de Deus nas suas vidas.

Contemplar vem das palavras “cum-templum”: é estar num lugar à parte; deixar-se possuir pela Palavra; deixar-se abraçar pelo Absoluto que nos toma «à parte». Assim a contemplação é como que o retorno ao paraíso, dando-nos a consolação; a irrupção do divino na História; a visão panorâmica (a «teoria», isto é, a visão de Deus); a visão de tudo à luz do Crucificado e Ressuscitado. Trata-se de saborear o texto e alimentar-se dele. Fixemo-nos, por exemplo, neste testemunho: “Uma voz, uma voz muito débil, sussurrou-me que nunca nenhum ser humano seria capaz de me dar o amor que procurava, nem uma certa amizade, nem qualquer outra relação íntima; nem sequer uma comunidade poderia jamais satisfazer as mais profundas necessidades do meu coração. Aquela voz suave, mas insistente, falou-me da minha vocação, dos meus primeiros compromissos, dos muitos dons que recebi na casa do meu Pai. Aquela voz chamou-me «Filho»” (*Henri Nouwen*).

● 5. ACTIO | AÇÃO QUE FAZER? COMO VIVER ESTA PALAVRA DE VIDA?

IMPORTANTE É QUE SEJAM OS PARTICIPANTES A SUGERIR AÇÕES CONCRETAS. SUGESTÕES:

[1] Procuremos concretizar as ações, os propósitos, as atitudes, que esta Palavra desperta em nós. Isto é o mais importante. [2] Os participantes podem sugerir alguma concretização prática, a partir da Palavra escutada, meditada e rezada em comum. [3] Procuremos participar nas iniciativas quaresmais propostas pela nossa Diocese e/ou Paróquia. [4] Oferecer companhia a Deus, na oração prolongada, e companhia aos outros, numa visita mais demorada. [5] Sair ao encontro dos sem-abrigo ou das pessoas que vivem mesmo sós, de modo que possamos dizer ou ouvi-los dizer: «Que bom é estarmos aqui». [6] Criar condições que favoreçam a transfiguração da nossa vida: o silêncio, a oração, a lectio divina, o desejo de mudar, o esforço de caminhar... Com gestos assim, o rosto (o nosso e o dos outros) ficará resplandecente como o Sol e até a veste do nosso Batismo tornar-se-á branca como a luz!

© PADRE AMARO GONÇALO LOPES, *Cinco passos de Lectio Divina para a memória viva do Batismo*, ed. Paulinas
© LABORATÓRIO DA FÉ, 2023